

Cinema de Arte

promoção

organização

Acervo Digital

direção

do

da

Walter
Silveira
Clube de Cinema da Bahia

6 - março - 1965

“HARAKIRI”

(“Seppuku”)

FICHA TÉCNICA:

Realização: **Masaki Kobayashi**

Argumento: **Shinohu Hashimoto**, sobre um romance de
Yasuhiko Yakiguchi

Fotografia: **Yoshio Miyayima**

Música: **I. Takemitsu**

Interpretação: **Tatsuya Nakadai** (o samurai sem emprê-
go), **Rentaro Mikuni** (o intendente), **Akira**
Ishihama, **Shima Iwashita**, **Ichiro Nakaya**



Prêmio especial do júri, no Festival de Cannes de 1963

Se, desde Veneza 1951, com o Leão de Ouro atribuído a "Rashomon" de Akira Kurosawa, os festivais internacionais têm feito a glória — mas, não a fortuna — do cinema japonês no Ocidente, "Harakiri" inscreve-se nessa tradição. Enquanto, na Europa e na América, toda a crítica proclama em Kobayashi um novo mestre cinematográfico, só um público menor de raras cidades o conhece, e vagamente. Embora a produção japonesa marche, nos últimos anos, por sua quantidade, como a primeira do mundo, a exportação de seus filmes continua muito reduzida, sendo sempre necessário que festivais como os de Veneza, Cannes, Berlim ou Moscou confirmem celebridade a Kurosawa, Kenzo Mizoguchi, Keisuke Kinoshita, Hiroshi Inagaki, Teinosuke Kinugasa, Kaneto Shindo, agora também Kobayashi.

Pertencendo a uma geração mais nova, o realizador de "Harakiri" dirigiu seu primeiro filme em 1952, aos 36 anos, após um curso universitário, longo tempo como assistente de Kinoshita e a decisiva experiência dramática de seis anos de guerra na Mandchúria.

Em sua filmografia, há um recorde mundial: "A Condição Humana", composta de três partes, cada qual com três horas. Datado de 1959, esse filme mais extenso da história traduz uma crítica, em tom de epopéia romanesca, à colonização nipônica no norte da China, denunciando as crueldades cometidas em nome da honra samurai, testemunhadas por Kobayashi. A primeira parte, sob o título de "Guerra e Humanidade", foi exibida na Bahia.

Nem tem outro sentido "Harakiri", segundo ele próprio esclareceu, quando entrevistado durante o festival de Cannes de 63. Embora possa a alguns parecer um filme histórico, de capa e espada, com uma intriga de séculos atrás, seu tema é diretamente contemporâneo, trata da autoridade e da hierarquia militar. "Cada época, a nossa como a dos samurais, fabrica chefes autoritários iguais a este contra o qual luta o herói. Através da história antiga, é da contemporânea que eu falo".

Assim, na aparência, "Harakiri" é um *Jidai Geki*, quer dizer, um filme tradicional. No fundo, é um *Giddai Geki*, isto é, um filme atual. Para Kobayashi, 1650 semelha 1960.

Tragédia desenvolvida dentro das regras clássicas: unidade de lugar (o grande pátio do castelo), de tempo (praticamente, a duração cinematográfica corresponde à do relato), de ação (quase um diálogo entre o samurai desempregado e o intendente), "Harakiri", se excetuarmos algumas sequências violentas, transcorre num ritmo tão lento quanto a sua montagem, dominando os planos longos que caracterizam Kobayashi. Esse Kobayashi que teria, no começo de sua carreira, realizado um filme de duas horas com apenas vinte e cinco tomadas, cada plano durando em média cinco minutos.

"Obra de uma nobreza e de uma beleza excepcionais", na opinião de Pierre Phillipe ("Cinéma 63", n. 79), "Harakiri" equivale a uma partida de xadrez que põe ferozmente em causa, segundo Pierre Billard ("Cinéma 63", n. 77), o respeito que o Japão tem pelas tradições de honra, cuja hipocrisia e vã crueldade são acusadas aqui em nome de um conceito mais humano da vida.

Acervo Digital

Walter da Silveira

PRÓXIMOS PROGRAMAS:

Dia 13 — «A Dama Oculta», de Alfred Hitchcock

Dia 20 — «O Gozador», de Phillipe de Broca

Dia 27 — «Fortaleza Escondida», de Akira Kurosawa